Sonetos Hecatombe métrica

Mais C

Caixa 54

N.º 3

BIBLIOTECA NACIONAL ★ LISBOA

H-1-14

HECATOMBE METRICO CONSAGRADO

BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA

ás aras da Crus sacrosanta, e à pureza immaculada da Senhora Vir-
gem Maria Nossa Senhora.

Parte Segunda.

I.

Eu, que no Abril dos annos, nas Auroras
da verde idade, as voces tiranias
Cantei de amor, e mal logrando os dias
Perdi o tempo, esperdiçando as horas;
Eu, que absorto nas Remoras sonoras
de Coreos de amor, nas armonias
do gosto (Abutres da alma) sendo Harpias
da vida, adulei Circes, segui Floras.
Despido já das tunicas floridas
das primaveras, que já choro estios,
faço da alma padrão este horror bronco;
Em mortalhas as ramas já despidas
das Primavera os Alicies mudem em brios
Caveiras das flores seja o tronco.

Hecatombe

II.

Musa, que docemente madrugaste
Nas arroviadas do meo verde Oriente,
Sendo aos retoques do esplendor recente
Das quintas de amor doce contraste;
Baste de enleyos, de letargos baste,
Quebre de amor Thalia a lira ardente
Faça Urania (que influxos do Ceo sente)
Pedra do amor, do desengano engaste;
E pois (ô Musa) as auras de alta gloria
Influas, porque espiritos exaltas,
Me ensurdece de Venus a loucura;
Lavrame de ouro delfico a memoria,
Em que seja do espirito aos esmaltes,
Engaste a idade, e pedra a sepultura.

III.

E vos, sagrado Lenho, a quem tributo
Estas flores do outono macilento,
Quando a sopros da idade as leve o vento
Dessa arvore hoje â sombra as conrre o fruto;
Estas, que já do inverno agourão luto,
Flores de hum tronco secco (ser violento)
Dessa arvore pertende novo alento:
Pois onde morre o Cezar, cante o Bruto.
Estes, ô Sacro Lenho, cultos pagas
de immensas culpas, dos de amor escravos,

Metrico.

afectos da veneno são triagas;
Aceitas nestas flores mais agravos,
porq se os meus Abris vos derão Clagos,
ainda os meos Outonos vos dão Cravos.

4.

Doce Maria, que arvore da vida,
E da sciencia, em Jericó plantada,
polindo o amargo fructo da vedada,
para o pomo immortal fostes nascida:
Planta nascestes, ou arvore Cahida
na culpa; mas na graça levantada,
Antes da queda fostes perservada,
para a ruina fostes Escolhida:
Dai-me auxilio, Senhora, q amor Canta
altos mysterios, bem q em tal tributo,
quando o soccorro invoco a culpa tomo;
Busco a ley, não a sombra dessa planta,
Que onde o sol quis nascer o melhor fruto,
não la sombra de Adão no peior pomo.

5.

Lusbel soberbo, que por deos Creado,
Mais do que o mesmo sol resplandecente;
Por castigo da culpa irreverente
E Brama Cahido, e summa fulminado:
Em seo lugar o homem levantado
Desta Globo terreste presidente

Hecatombe.

Foi da graça hum prototype luzente
Foi dos Astros hum rayo illuminado:
"Deulle Deos por morada o Paraiso,
Pay de Palas, Pomona, Ceres, Flora,
"Do monte, campo, golfo, e valle as Crias;
"Deulle a força o entento, a ley, o aviso,
A galla, o lustre, o espirito, a melhora;
Ah homem, ah Lusbel, q̃ mais querias!

6.

"Neste estado ditoso Adaõ vivia,
Quebra o preceito, chora amargamente,
Queixa-se de Eva, a Eva da serpente,
Calabouse do mundo a monarquia;
Veste huãs folhas, cava a terra fria,
Chora a temeridade, a culpa sente,
Os Ceos empenha, contamina a gente,
perde os deleites, os trabalhos cria;
Adaõ, barro nasceste, homem eras,
Ja q̃ queres ser Deos; pois colhe o fruto
Deste desejo, q̃ he teu dano todo;
Habita, Adaõ, as brenhas, nutre as feras,
pois quizestes unir, ah homem bruto!
parecer Deos, ser homem, nascer lodo.

7.

Cava, Adaõ, chora em lagrimas desfeito,
Os montes lavra, pois as ditas erra

Metrico

Dizendo em magoa triste: [illegible] terra,
Aqui rasgando a terra, [illegible] peito;
Se sendo terra, a Deos perdi [illegible],
Com a terra luto, mas comigo he a guerra;
Que como neste barro Adão se enterra,
Pague a terra, os delitos, q̃ tem feito;
Se errou Adão, a terra se condena,
Pois paga nestes golpes o seo erro,
A terra, já que o barro a culpa ordena;
Mas ol dor immortal, q̃ em meo desterro:
Alum barro racional não matta a pena,
Aluo terra insensivel rompe o ferro.

8.

Fechãose os Ceos, os Anjos se ensurdecem,
Armãose as nuvens, soprãose as fornalhas
dos abysmos, em tremolas battalhas
Gritão Espheras, montes estremecem;
Os Astros, que de sombra se guarnecem
lutos dos Orbes são, do terror mortalhas;
Turvãose os mares, armãose as murallas
dos Ceos, sobem clamores, rayos decem;
Gritta o mar, brama o fogo, silva a fera,
Chora Adão, gema o pranto, brada o logo,
Ensurdecese Deos, o Impireo, a esfera;
Ó Adão infeliz! que desafogo
terás, se contra ti vez que se altera

Hecatombe.

O abysmo, a terra, o mar, o Ceo, e o fogo.

9

He o Limbo deposito saudoso
De santas almas, de varoens benditos,
Abel, primeiro objecto dos delitos,
Noé, das agoas Palinuro famoso;
Abrahão, que á espada fez da morte o gosto,
Moysés, q̃ no deserto acertou os ritos.
Jacob, q̃ por Raquel deu ais afflictos.
Hum canoro David, hum Job leproso;
Jazem ali Joaquim, Anna, o valente
Macabeo, o empocado Jeremias,
O forte Judas, o Job paciente;
O Isaac feliz, o Martir Zacarias,
O Amós Pastor, o Daniel prudente,
Os dois primeiros Pays, os dois Tobias.

10

Lá Josué feliz, Sansão robusto,
Que termo ao Sol, da Selva a frontes,
Roto das feras foi, terror dos montes
Grilhão das luzes foi, dos Astros susto;
Alem forte Alcides, outro varão justo
As luzes prende, despedaça as frontes,
Do Santo zelo doutrinou jactantes,
Briareo despedaçou no braço Augusto.
Alem, e outro ata as forças, prende os brios,

Metrico.

Neste Caos passad annos, correm eras,
Criad Saltem dos lobregos capuzes,
ô homem aonde vaõ teos desvarios,
Se perde as forças, quem sugeitta as feras,
Se labitta as sombras, quem suspende as luzes;

11.

Neste lottos do sol, que os rayos prende
da luz, peitando apena a suavidade,
toca a arpa david: Oh Magestade
Invircumcripta, (canta) atende, atende;
Suspende o acoitte, a indignaçaõ suspende,
Clemencia, deos amante, ô deos, piedade,
Mai, senhor, que a humilde humanidade
Em dor se abraza, em lagrimas se rende;
desta pena de dano baste apena
Cesse a ira (prosegue) cessa a ira,
tenha a culpa de Adaõ em deos reparo;
Perdaõ, perdaõ, senhor, amor ordena;
E aqui clamaõ os demais, suspenta a lira,
Perdaõ, favor, piedade, amparo, amparo.

12.

Suprema Magestade inaccessivel,
Gloria Santa, bondade inescrutavel;
da luz immensta pelago ineffavel;
da Gloria Eterna abismo incomprehensibel;
quando ô rigor, senhor, menos terrivel

Hecatombe

Será! quando da lampada admiravel
Virá o arco da paz da ley estavel
A ser desta tormenta iris plausivel?
Quando a candida pomba á humana barca
Trará da paz aderejada oliva?
Quando o manná se encerrava na arca?
Quando na triste noite de huma esquiva
Culpa a nuvem verá, q o sol abarca?
Quando saliraõ do penedo agoa viva?

15.

Quando lá do relogio o sol immenso
(Como Ezequias vio) atraz tornando,
Hade mostrar das luzes o ardor brando,
Apagando das sombras o véo denso;
Quando o mar se verá brando, e suspenso,
Entre as ondas a sonos afogando;
Quando a barca entre as sombras mais brilhando,
Será verde trofeo no fogo intenso?
Quando Moisés, Senhor, numa cestinha
Chegará á praya? quando o ceo a escada
Bottará ao mundo, onde estará assentado?
Quando lá do alto monte huma pedrinha
Nos tornará da culpa a estatua em nada,
Feito cinza o Rabeco do peccado?

14.

Calou David, ficou o terror suspenso

Metrico.

Centerneuida a eterna devindade,
em Consistorio a altissima Trindade,
dis do espirito santo o amor intento:
Bem sabeis, Padre Eterno, Deos immenso,
que Calido Lusbel pella vaidade,
Homem produzistes, eque a verdade
perdeo da graça, epagará culpa o cento.
Tambem sabeis, que he o homem limittado
preço para huma culpa, que infenita
pede sattisfaçaõ igual a offensa;
E como Contra nos foste o peccado,
So na nossa trindade se limitta
a immensa paga para a culpa immensa.

15.

Se vos, devino amor, sois advogado
(Responde o eterno Pay) da culpa humana,
Vima a nossa trindade soberana
Culpas de Adaõ, q̃ seja feliz culpado;
O meo filho unigenito increado,
Que de mim he gerado, (e dos dois mana
Esse devino amor) da culpa insana
Do homem, Redemptor seja humanado:
Eu formarei huma candida Creatura,
Que ab eterno foi sempre preservada,
Livre de Adaõ no original delito;
Pois q̃ como a escolheo para May pura,

Hecatombe

Mal do peccado havia ser manchada
A folha, aonde o Verbo fosse escrito.

16.

Prosegue Deos, quem diz contra o ser nosso
Nascer impura a May, q̃ so venero,
Ou de Filho no amor nega o que quero,
Ou de Deos no poder nega o que posso;
Como Filho em querella me alvoroço,
Como Deos, quanto emprendo, tudo impero,
Quero; porque finezas não esmero.
Posso; pois que impossiveis não destroço;
Pois se poder, e amar he natureza
De ser Deos, e ser Filho, como asseito,
Homem cego duvida tal pureza?
Pois seja quem a não crea louco, e bruto,
Ou nega ao meo amor huma fineza,
Ou nega ao meo poder hum attributo.

17.

Se os Anjos puros são por natureza,
E Rainha dos Anjos he Maria,
Que mancha na Rainha haver podia,
Se vive nos vassalos a pureza?
Seja nos servos de manchas a limpeza,
Na Senhora haver manchas como havia?
E na sede da culpa quem veria,
Os servos livres, e a Senhora presa?

Methrico.

Se le agguardar aos homens todo o [illegible]
Dos Anjos, e o seo Zelo puro [illegible]
He livralos da mancha do [illegible]
Haviaõ Com Maria ter mais [illegible]
Pois se guarda aos mortais o seo Cuidado,
Qual fora Com o destino o seo disvello.

18.

Se ao titulo, q̃ dis Deos, se a dignidade
Iguala a honra, e della se deriva;
Fora a impureza Causa impeditiva
Ao titulo da May da devindade:
Se o parto segue ao ventre, e a ingenuidade
da May obra, q̃ o fillo livre viva,
Havia nascer Deos de May Cativa?
Ser escravo por vil Maternidade?
Se em Eva, foi Maria sublogada
para a graça, e a o peccado ser desculpa,
Como havia nascer da mesma maça?
Por força havia ser immaculada,
Pois so Curara a fistola da Culpa
Aplicandolle o antidoto da graça.

19.

Acertado da graça em Eva preto,
E naõ da Culpa sublogou a Maria
Deos, e so sendo pura a remiria,
Pois da mancha le antidoto a pureza:

BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA

Hecatombe

Se Eva e Maria a mesma natureza
Do peccado tivessem, como havia
A Senhora do trage, q̃ vestia,
Despir Eva, se igual fosse a fraqueza?
Redemir à Maria já ligada
Na culpa, e já depois de comprehendida;
Uso fez Deos à humanidade creada;
E naõ para entre todos a escollida,
Senaõ tendo adiantado de preservada,
A igualasse ao deixar de redimida.

20.

Este empenho dos Ceos por alta traça;
De Deos Padre ser Mãy, Esposa, e filha,
Se de toda a trindade he maravilha,
Que muito seja Nuncio da Graça?
Nascerá dos horrores dessa maça
De Adaõ, mas qual o Sol q̃ as nevoas trilha,
Desfazendo nublados, luzes brilha,
Espalhando esplendores, sombras passa:
Se amar o Pay ao Filho he natureza,
Honrar o filho à Mãy acçaõ honrosa,
O esposo à esposa devida, e fineza;
Honras do mesmo Deos eraõ forsosa
Ter Maria o mor credito, e pureza,
Se a tinha para filha, Mãy, e Esposa.

21.

Metrico

De tronco illustre Soberana planta,
Da arvore de Jessê ramo glorioso
Nasceo Maria, sendo gloria, e gozo
Dos Ceos, q̃ admira, dos mortais, q̃ espanta.
Passa a primeira idade Sacrosanta
No templo, & de pureza voto ônroso
Fez a deos, q̃ em Joze dandolhe esposo,
O merito ao perigo lhe adianta:
Vivem juntos, e em candida pureza,
Fazendo milagrosa a humanidade,
No perigo esmaltavaõ a fineza;
Pois conforme no amor, na castidade
Desmentiaõ pensoens à Natureza,
Privilegios roubando à Divindade.

22.

Trabalha alegre, sua sobre a terra,
Carpinteiro Joze, ganha o sustento,
Corta a madeira, trava do instrumento,
Puxa a enchó, toma o escopro, affia a serra:
Maria em seo lavor toda se encerra,
Coze, tece, debuxa, larga o assento,
Vai guizar a comida, cança o alento,
Trazendo a alma em paz, a vida em guerra:
Ó confusaõ do seculo presente!
Ama-se o ocio, que he idolo do vicio,
Jolios pinta, feliseos demente?

Hecatombe.

Vaidade louca, injusto sacrificio
Das honras, aonde faz a humana gente
O trabalho desprezo, o tuerto officio.

Q. 3.

Era o tempo em que a aldea, essa sangria,
Das flores, febres de ambar respirava,
E a pastilha das selvas perfumava,
Do cambrais dos jasmins lenços ao dia:
Quando as aves são doçes na armonia;
Quando ao som das violas voltas dava
A Dama, e nos arroyos ... tocava
Harpa a selva, ao cravo q tangia:
Quando borrifa a fonte as inocentes
Flores, q como reos da formozura
Pagão culpas de lindas em correntes;
E em traição de cristal, mostrando pura
Candides, com afagos transparentes,
Beija nas faces as flores, e as murmura.

Q. 4.

Desse mes, em q Athrea o tempo iguala,
E o velocino de ouro o sol habita;
Quando a terra as mortalhas resuscita
Do prado, q outro em pluma ambar exala:
Deixa Gabriel a etherea empyrea sala,
Corta o ar, e em diafana infenita
Distancia borda a esfera, a terra incita

Métrico.

O Homem resplandece, o Ceo abala:
Medea entre Fenicia, ao Sagrado
Jordão, bordando os Campos de Judea,
Que tem ao Damasceno restaurado;
Deixa o palmoso Solio de Idumea,
Caminha à Nazareth, onde prostrado
Adora a tua Aurora em graça chea.

25.

Abe (diz à donzella Palestina,
Maria, Abe ditosa, Aguia flamante,
Que naõ subis ao Sol, o Sol de amante
He q̃ baixa por vos, Abe divina:
Abe, abella dos Ceos, onde se affina
O mel Celeste, e a Cera lacrimante
do Homem: Abe pomba ao naufragante
Baxel, a que essa oliva a paz destina:
Abe fenix, e amante Pelicano,
A cujo peito o sacro Sangue deva
O mundo, q̃ alimenta ao ser humano;
Abe, q̃ posto que Eva à Deos se atreva,
Tomando ao vosso peito hoje o seo dano,
Baxa Deos por huma Abe a erguer huma Eva.

26.

Abe (diz) Cujo ninho aeterna Summa
Devindade por arca a Deos ordena,
Para que vindo ao mundo a sentir pena,

Hécatombe.

Venha em vos, feliz Ave, a tomar pluma:
Pretumao os mortaes, Adao presuma
De celeste, q̃ a culpa, q̃ o condena,
Foi causa, q̃ este mar de luz serena
De deos posto na concha apouque a escuma:
Como Arcanjo (responde a Virgem pura)
Pode isso ser, se tenho a deos votado
Ser pura sempre em virginal clausura?
Quem verá o mar numa conxinha atado?
Como ao Creador creará a creatura?
Ou selo de unir o immenso ao limittado.

23.

Como na pouquidade a omnipotencia!
Como de tres hum so será humanado?
Sendo hum em tres por modo individuado,
Q'ele na distincão tres, hum so na essencia?
Duas naturezas: aonde a urgencia
Do incompativel desta ao vinculado,
Como em hum so composto inseparado
Hão de unir de forma, e outras de sistencia?
Mas q̃ posso eu temer, que sentir possa?
Faça a vontade deos nesta creatura,
Com q̃ hoje tão indigna casa labra;
Aqui tendes, senhor, a escrava vossa,
Se o verbo conceber, serei mais pura,
Pois nessa fé me dais vossa palavra.

Metrico.

28.

Flo sim q̃ deu a Virgem Palestina
Abrio o Ceo as portas de diamante,
O se unio em hum ponto, em hum instante
A natureza humana com a divina:
Passa a luz o espelho peregrina
O deixa intacto com prendas radiante
Entra na concha a perola brillante
O intacto o nacar, e concentra a mina:
Qual Rayo, que Jove despedio,
E sua arca encontra, q̃ hum Thesouro abarca,
Penetra a arca, e abrazou o Thesouro;
Assim o verbo, Raya, luz, Rocio,
Sem offender o espelho, a concha, a arca,
Introdus o esplendor, a perola, o Ouro.

29.

Se na profunda altissima Trindade
Pessoas tres, e huma substancia vemos,
Huma pessoa e tres potencias temos,
Nesta uniaõ de amor, trina Unidade:
Se naquella trina immensidade
Ha hum de tres, e em tres hum conhecemos:
Nesta uniaõ ha tres, e hum so; pois vemos
Em Christo a alma, a carne, a Divindade:
A Trindade inefavel desaggravada,
O mortal vinculando no infinito,

…BA NA… …NAL …BOA

Hecatombe.

Quis com outro de Adaõ temir o acerbo;
E sendo em modo igual desempenhado,
Quis dos Filho, dos Pay, e dos Espirito
Unir em Christo a alma, a carne, o verbo.

30.

Sacrario humano humana Custodia rica,
Maria pedreneira ao Ceo flamante,
Que fica inteira dando a luz brillante
Luz, q̃ illustra o Sol, e intacta fica;
Nube, q̃ o Sol esmalta, e qual a fica
a luz, sem que o vulto se quebrante;
Vydro inteiro à luz reverberante,
Espelho intacto, q̃ o occulto, indica;
Assim fica Maria deificada,
Sem q̃ ofensa padeça a integridade
por mysterio do altissimo Conselho;
Sendo o virgineo gremio, em q̃ humanado
Está de Deos a eterna devindade,
Pedrenal, Luz, Neve, Vidro, Espelho.

31.

Qual Carça de Moyses, q̃ verde ardia,
Carro de Elias, q̃ o esplendor cercava,
Nas chamas os verdores conservava,
Nas luzes sem estrago os Ceos corria:
Qual o forno, q̃ em chamas so luzia,
E todo labaredas naõ queimava

Metrico.

Jerusalem, q̃ a chama circundaba,
E d'algum muro de fogo se cingia:
Assim Maria, carro luminoso,
Fogo brilhante ardendo carca amena,
Jerusalem, q̃ em fogo illustra o barro:
Sem visto Assiste, estrago, terror penoso,
O ardor, na chama, no pavor, na pena,
He Jerusalem, forno, carca, e carro.

32.

Cresce o virgineo gremio soberano,
Entra Jozé nos sustos discursivo,
E perplexo assim diz: sonho illusivo,
Intredalo pavor, susto tirano:
Que tendes olhos cegos? Eu me engano,
Discursos, que direis? Mente o motivo,
Duvidas, q̃ arguis? Ancias, eu vivo?
Que he isto? mente a vista, finge o dano:
Tornas olhos a ver, mas cegas olhos,
Que como a vista ã magoas me condena,
Não quero que vejais mais desvarios;
Mentis olhos, não creyo a tais refolhos,
Pois tendes a culpa, o golpe, a pena,
Fugi rãs, ardes rayos, chorae rios.

33.

Neste horror, neste abysmo, neste extremo,
Algum ardor, alguma lagrima algum suspiro,

Hecatombe.

Se ancias sinto, ondas sulco, penas giro,
Chovo Egeos, bebo Nilos, Etnas gemo:
Vejo o dano, amo a causa, a culpa temo,
prendo a voz, ato a queixa, ardor respiro,
Se busco a ausencia, o longe, o retiro,
o amor levo, a alma deixo, as magoas remo:
Oh confusão! oh [illegible]! oh desvario!
Que entre o amor, o aggravo, a honra absorto,
fujo à culpa, ardo à causa, tremo ao brio;
Ay dor, ay honra, ay penas, que estou morto:
foge, luta, naufraga este navio;
tudo he mar, tudo pego, nada he porto.

34.

Fugirei? sim, q a honra está ofendida;
Maria acusarei? não, que amor chora:
Mentira a vista? sim, q o ceo a adora:
Darlhe hei a morte? não, q he dos teus vida;
Daria causa? não, que amor duvida:
Teria culpa? não, q he pura Aurora:
Que diz a vista? mente, q he traidora;
Que sinto logo? morte, em q amor lida:
Oh cruel confusão! oh dor intensa!
Do coração cutelo, da alma lança,
Onde a honra, onde a morte está suspensa;
Vamos vida a morrer, alma descansa;
Que antes quero acabar à dor da ofensa,

Archimedes
siracus.
Architas
Eudoxio
Gnidio

Metrico.

BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA

Doque morrer à ogolpe da vingança.

35.

Assim perplexo aface encosta ao braço
E do monte Simirêo, onde habita
Morfeo, lethes da pena, Opio da dita,
Grilhaõ da vida, dos sentidos laço;
Chega à Jozeph, elle ata osono craço,
Os olhos; Vem Grabriel, dizlhe a infinita
maravilha dos Ceos, e o resuscita,
Trocandolhe em prazeres o ameaço:
Desperta, e diz Jozeph: Olhos, pois quando
Velais, os vendo estou Sentindo,
Mais vos quero dormindo, q̃ vellando;
Dormi olhos, se alegres dormis Lindo,
pois Como medais os bens Sonhando,
Sonhos as penas saõ, olhos, dormindo.

36.

Dormi olhos ingratos por ouvires,
Naõ velleis olhos tristes por naõ veres,
Q Se dormindo as penas saõ prazeres,
Naõ velleis olhos, naõ, por naõ sentires;
Olhai q̃ tendes Glorias, se dormires,
Que penas perdeis, se adormeceres,
Que Gostos achareis, se vos quizeres,
E que ouvireis venturas, senaõ vires:
Olhos vendo, q̃ em ver o mal se alista,

Pela vista lá dentro, donde em calma,
No altar dalma Maria se conquista;
discreto sono, aos olhos, feliz palma,
abertos, sombra foy o horror da vista,
fechados, brilhou sol a copia nalma.

37.

Chega Maria, em hum sagrado pejo,
Joseph fechando os olhos de corrido,
lhe quer pedir perdão, mas de encolhido,
faz no silencio esmalte ao cortejo:
Passe, Senhora, (diz) o horror, que vejo,
pela gloria feliz, que tenho ouvido,
Se no ver houve a culpa de hum sentido,
No ouvir logrei a gloria de hum desejo:
Perdão, Senhora: tá, não mais (responde
Maria) meo Joseph, que não me pesa,
de aggravo, que a finesa corresponde;
Se a prendas vendo, crestes a pureza
mais me obrigaste temido, pois onde
podera achar castigo, achei finesa.

38.

Já do Arcanjo sabeis o alto segredo,
que no ceo deste ventre deposita
o altissimo; pois nelle a gloria habita
por adoçar de Adão o trago azedo;
Foy pavor justo de hum sagrado medo

Mettrico.

Calavos huma gloria, q̃ infenitta,
as duas naturezas suppostta,
q̃ hua hade ser de Adaõ remedio cedo.
Pois se sois, virgem pura, minha Esposa,
(diz Joseph) se deos filho em vos se alinha,
Ser tambem filho meo he ley forçosa;
Tendovos deos por May, por Pay me tinha,
pois sendo em meo horto he minha a rosa
He tambem o fruto he meo, se a herdade he minha.

39.

Em minha casa deos? deos ao meo lado?
A minha meza? Eu por deos servido?
q̃ hei de ter eu de deos obedecido,
E que haja de ser deos por mim mandado?
e deos, q̃ he de mim Creador, por mim Creado?
Eu sustentar a deos, que me ha nutrido?
q̃ ao Redemptor redima o Redemido?
e de deos pirado o Ceo? Eu respeitado?
e deos discipulo, Eu Mestre? a deos comida
Eu hide dar? Oh prodigio sem segundo?
Ser a vida de deos por mim remida?
Oh misterio immortal, saber profundo!
q̃ o meo suor redima a deos a vida,
Como o sangue de deos redime o mundo!

40.

Assim falando a deos o Edry exclama,

Hecatombe.

Senhor deste paiz, q̃ florecestes,
Só huma parra para vos quizestes,
Da terra huma só Casa, q̃ o Sol ama;
Das Cidades, Senhor, q̃ illustra a fama,
A Sion para Vos só escolhestes,
E das agoas, q̃ ao mundo dispendestes,
Huma fonte, q̃ ao ceo Narciso inflama:
E de quanto esmalta flora lizongeira,
De quanto voa em plumas, dos ares zomba
De quanto nutre o monte, o valle ordena;
Tomastes para Vos huma Cordeira,
Somente escolhestes huma pomba,
Escolhestes, Senhor, huma Açucena.

H1.

Conheça o mundo q̃ esta vinha, ovelha,
Cidade, pomba, Casa, lirio, e fonte;
Sois, Senhora, Cordeira de alto monte
Pomba, q̃ traz a paz da Eccla velha:
Pura Açucena, q̃ o Candor semelha,
Casa, q̃ sois do firmamento afronta,
Cidade Santa, vinha q̃ desponta
O Padroens d'alma, fonte sem parelha:
Senhora, a minha dita foi primeiro,
pois dessa vinha, ovelha, fonte, e Casa;
Dessa Pomba, Cidade, e lirio puro;
Sou lhe aguarda, Sou o jardineiro,

Metrico.

Sou cabeça, pastor, que o zelo abraça,
Vosso mar, fiel arca, feliz muro.

2.

De tremulos armonicos ruidos,
O folego em cadencias respirado,
por boca de hum clarim, muzico brado,
tiple de bronze he solfa dos ouvidos:
Grita o tambor corrisonos gemidos,
bate o estandarte ao vento tremulado,
Começa hum bando, e o vulgo de estuptado,
faz na mudez cartuxos os sentidos:
Octaviano Imperador de Roma,
Segundo Cezar, e primeiro Augusto,
Diz o pregaõ, q̃ o mundo opprime, e doma;
Manda a todos por darlhe o feudo justo,
Se vaõ ao seo solar, aonde se soma
a gente, cala o dicto, fala o justo.

3.

Joseph, de quem Belem he patria, e berço,
a partida dispoem, a auzencia chora;
E suspirando á Virgem, diz, senhora,
Sempre a hum feliz bem he hum mal adverso;
Deos nesse ventre, autor do Universo,
Esta auzencia dispoz, q̃ o mundo ignora,
ficai, Virgem, com Deos; pois q̃ Deos mora
Em vós, sendo sacrario supremo terço:

Hecatombe.

Só naõ (diz Maria) Esposo amado,
Hei de hir comvosco, q̃ te de amor preceito,
Unirte no amoroso vinculado;
Nem tendo q̃ temer, se em laço estreito,
Vaj Joseph por Alcides ao meo lado,
Vaj Jezus por Escudo no meo peito.

4.

Enfardo a humilde roupa, o pobre fato,
Joseph guarnece o alforge pobrezinho,
Enfeixa a ferramenta, deixa o ninho
patrio, à Betlés melhor segue o seo Beato:
Salem de Nazareth os dois, que ornato
Do Ceo do ventre, saõ da Gloria alinho,
Guiando ao racional Candido Arminho,
Joseph, de quem o Sol pouco he retrato:
Rasgando neves, supportando frios,
Entre fomes talles sentem desmayos,
Que aos justos os trabalhos saõ as madres;
Chove o Ceo (diz Maria) lomes impios!
Estes, q̃ os Ceos a Deos graniraõ Rayos,
Saõ Coraçoens, q̃ a Deos atiraõ pedras.

5.

Se o orvalho da graça que em mim levo,
Desata o Ceo Diluvio, q̃ aqui chovo,
Como ao arco de paz, que em Deos adoro,
Se atreve esta tromenta, que relevo:

Metrico.

Se o verbo, que por Deos no Gremio escrevo,
He o Iris, q̃ aos mortaes serena o choro,
Como, Senhor, por causas, que lhe ignoro,
Chaga atormenta, onde a bonança devo?
Mortaes a vossa Gloria se alimenta
no horror, q̃ em mim a humana divindade
Sente, pois que se affige, e vos alenta;
Tome a tormenta assi, a serenidade
vos dá, pois por livrarvos da tormenta
o Iris he, que sente a tempestade.

6.

Rasgando nuves o Vital Sacrario,
Rompendo gelos a Divindade humana,
O Crespo Orion a lagrimas profana
privilegios, q̃ ultraja o Crespo Aquario:
Frecha escarcelas o Inverno temerario
a os tres, de quem á terra a gloria mana,
Maria, q̃ he a Custodia Soberana,
Joseph, q̃ he o thesoureiro, Deos o Erario:
De Cantada Maria ao Casto amante
Se encosta, q̃ no mar de aguas opimo,
foi de Coleos terreste Argos nadante.
Pois no encosto feliz por alto mimo,
Sendo Argos aos mortaes, aos Ceos Athlante,
foi baculo a Maria, a Deos arrimo.

#43.

Hecatombe.

H. I.

Veste o Dezembro as tunicas grosseiras
Dos pardos troncos, urnas das alfayas
De Flora, donde os chopos, donde as fayas,
Tumbas da terra saõ, de Abril Cabeiras:
Memento saõ as soltas lisongeiras
Das aves, do Boreas atalayas
Os troncos, que de Abril sendo pancayas,
Saõ Troyas, onde o tempo lê Cadeiras:
Cadaveres os prados de escarmentos
Servem, dando liçoens ás flores nescias,
Que brilhaõ do Sol linguas, do Abril joyas;
Desenganarem as flores os alentos,
Pois se campaõ no Mayo de ambar Grecias,
Acabaõ nos dezembros de horror Troyas.

H. 2.

Bala a ovelha, suspira o verde pasto,
Turva a fonte amortalha a crespa neve,
O Rio nas areas ays escreve,
A selva de Esmeraldas perde o gasto:
O Caminhante veste o sayal basto,
Esconde-se da flor a vida breve,
O mar nas ondas Icaros descreve,
Os Boreas dos vergeis naõ deixaõ rasto:
Amortalhaõ-se os Ceos, e os ares tôtos
Em rayos, geme o sujeito entre clamores,

Metrico.

Grittad ays, tremem ancias, bradad botos,
Sendo o inverno com funebres horrores
Cotos de Ceres, de Pomona Clotos,
Atropos dos Abris, morte das Flores.

49.

Nesta horror abreviado o infenitto
Caminhava na candida Cortina
Do animado Sacrario, que confina
pazes entre ajustiça, e o delitto:
Era chegado otempo, que prescritto
ao Eterno aos mortaes apaz destina,
Quer illustrar oespello aluz devina,
Salir da Aurora osol incircunscritto:
Parece, diz Maria, amado Esposo,
Que oparto Sacrosantto se avezinha
Adar assombro aos Ceos, aos mortaes gozo;
Senhora, diz Joseph, misterio tinha
Nascer Deos nesta abismo tenebroso,
por ser aminha pena a gloria minha.

50.

Ceos, ó vosso Creador ao desempasro?
Anjos, o vosso Rey nesta inclemencia?
Astros, ao vosso Sol falta ainfluencia?
Homens, ao vosso Deos ho mundo avaro?
Feras, Deos sem abrigo, esem reparo?
Brutos, asim padece huma innocencia?

Hecatombe.

Oh duros peitos! oh cruel violencia!
Oh dureza inhumana! oh tigre raro!
Ao desamparo Deos! Deos ao perigo!
Se o suspirão os seculos, e as Eras,
Vindo remir a culpa acha o castigo!
Baxai Orbes Celestes, vinde Esferas,
A todo firmamento; dai lhe abrigo,
Ceos, Anjos, homens, Astros, Brutos, feras.

51.

Ja de Belem descobrem as alturas,
Chegão, a bate ás portas dos parentes
Joseph, q̃ mais, que as feras, inclementes,
profanão nos desprezos as ternuras:
Batem aos mesmos, desprezão suas puras,
Com impias burlas, mofas indecentes,
Rogão, zombão indomitas serpentes,
Insta, mas não attendem pedras duras:
Torna a pedir Joseph q̃ num cantinho,
Deixem, q̃ a Virgem sobre a terra fria
descanse das fadigas do caminho;
Cresce nos homens a dureza impia,
fechandolhe as portas, negandolhe o carinho,
Oh confusão! Oh pasmo! Oh tirania!

52.

Esquadras Celestiais, isto estais vendo!
Divinos Ceos, q̃ he isto! Estais dormindo!

Methrico.

Que fazeis, Anjos? Rayos, que esgrimindo
Rigores abrazais, q̃ estais fazendo?
Como esferas prendeis o fogo horrendo?
Feras, como naõ ides consumindo
Aquelles coraçoens? Ou como abrindo
a terra boca, naõ os vai comendo?
Onde estaõ os diluvios de Thessalia?
De Vertumno onde o mar, q̃ Morfêo doma?
Onde os Vesuvios, com que ardeo Castalia?
Onde está hum Encelado, que os coma?
Onde os Etnas? os fumos de Acidalia?
Que he do diluvio? O fogo de Sodoma?

53.

Chegaõ onde huma gruta arma huma lapa,
Alberge de animais, morada brutta
Que de trâs, de adiante os vaons enlutta,
Onde a palha he docel, o feno he capa:
De colmo, e vimes a moralla tapa,
Furias de Boreas, q̃ nos valles lutta,
Sendo a torta cabana a feliz gruta
O theatro do Ceo, da Gloria o mapa:
As pedras saõ cadeiras, e bofetes,
Afermosadas a terra, estrado a lama,
Corpos os folhos, feras os tributos:
Onde saõ secas ervas os tapetes,
A alcatifas a palha, o feno, a lama;

Hecatombe.

Berço huma manjedoura, ou os dois brutos.

54.

Entre a trindade humana, acende o lume
Joseph, do pobre alforge a humilde mesa
Guarnecê, sustos come, afficoens reza,
Maria glorias verte o empyreo lume:
De Vertumno nos vitos se consume,
Joseph, e de Morfeo languida presa,
Feinveja o leo natervo foi fineza,
Sendo da terra a gloria ao ceo ciume:
Astrea a noute iguala a negro imperio,
Sahe o sol, q disso os por alta traça
Illuminar das sombras o emisferio,
Que como illustrar vinha a nevoa baça,
Da sombra do peccado, foi misterio
Vir na noute da culpa o sol da graça.

55.

Em huma manjadoura sobre a palha,
Entre dois brutos, numa Lapa pobre
Nasce Deos homem, vindo á terra sobre
Hum lenho, q ao naufragio de Adaõ valha:
Dois soes no mar dos olhos amortalha,
Porq em dois mares attormenta dobre;
Ahi sale em terra sobre hum lenho, cobre
A o temporal no golfo, em q batalha:
Em huma manjadoura Deos infante!

Metrico.

BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA

Que hum vil prezepio, q' huma torpe urna
abrigue ao Autor dos Ceos, e do Universo
Hé fineza immortal de Deos amante;
que no odio dos homens busque a urna,
E no abrigo dos brutos ache o berso.

56.

Marcha Gabriel alferes, e as bandeiras
dos astros tremulando, vem formados
os planetas, q' o Sól armou soldados,
E as estrelas, que o Impyrio fez fileiras:
Os Zefiros tambores saõ guerreiras
Sonoras caixas, armas os dourados
rayos, Sargentos Lua, e Sol, e armados
Cantoens da Aurora as aves lisongeiras:
Chega à lapa a celeste Companhia
dando cargos de luces, poem de guarda
A Gabriel, q' he o Cabo Sacrosanto;
Onde tomando a tenda de Maria,
do general serve o nome a guarda,
E de Joseph tenente toma o santo.

57.

Baylaõ as flores, e hum a rojo as guia,
que he pandeiro ruidoso da fragante
dança, aonde as violas saõ descante
Ao som de hum Cravo, q' ambares tangia:
A rosa dando ao pé com ar fazia

Hecatombe.

[stamp]

Suas mudanças, no baylar brillante;
Arpa era o Rouxinol, solfa volante,
Pingos de Ouro a Assucena lhe suppria;
Saraos do monte os Livios vem de escoltas,
Os jasmins entrançados, e as mosquetas
Candidas voltas sao, mudanças soltas;
Liras de ambar espirao as violetas,
Os Girasois em circulos dao voltas,
Tocandolhe o Favonio as castanhetas.

58.

Ao pentear ao menino, que as namora,
Vem as flores, e todas à porfia
Tracem num Girasol de Ouro a bacia,
Com agoa do Rocio, q̃ a Ceo Chora:
Roupinha em folha, q̃ teceo a Aurora,
Sao os jasmins, olandos, q̃ o Sol fia,
Carvao de ambar a Rosa, em q̃ accendia
O Sol pastilhas, e perfumes Flora:
Sendo cada violeta huma fiquinha,
Erao os Rouxinois dicles de pena
Braseiro hum Livio, de q̃ hus fumos tinha;
Cantalhe o arroyo solfa em voz Camena,
Sendo para os jasmins, q̃ era a Roupinha,
Safatinho de Neve huma Assucena.

59.

A Lorda, porem dorme mais suspenso

Metrico.

Joseph, pois vê os Anjos, e as Estrellas
Fazendo guardas, sendo sentinellas
À Lapa, onde o fragil Cobre o inmmento;
Vê Chorar deos, vê ser o sayal dento
Da humanidade, veo de luces bellas;
Vê dormindo os burrós, doces as tellas,
Estoupa à seda num tesido lento:
Vê por terra as Celestes jerarchias,
Vê os Ceos de huma Lapa ter inveja,
Vê os Anjos dos homens ter Ciume,
Ouve cantar Celestes Armonias,
Vê q' hum bruto humillado a deos corteja;
Ve no pavio humano o Eterno lume.

60.

Chega humilde, mas torna reverente,
Animasse outra vez, chega encolhido;
Com tremulos respeitos, diz: nascido
O incrêado! tão pobre o omnipotente!
Como, Senhor, ao frio o sol ardente!
Como Chorosa a gloria, o Ceo sentido!
Como estais de encarnado, estais despido!
Como, quem chove glorias, penas sente!
Vos, Senhor, empobrecido lamentavel,
Deos mortal, deos mendigo, deos sentivel!
Eu ufano, tão glorioso, tão perduravel!

Hecatombe.

Oh profundo mysterio! Oh pasmo incrivel,
Que em vos suspire penas o impassivel,
Com mira Glorias blazonéo mutavel!

61.

Vinde cá, vos amante, que aqui tenho
Os da Cruz nestes braços mais perjuros,
Que se bejais da Cruz os braços duros,
E mais Cruéis são os de hum tormento d'humildade:
Se martirios bejar he vosso empenho,
Nos meus braços os tendes mais seguros:
Vinde a mim, o cravos golpes impuros,
lança, flagelo, cruz, pois de vosso venho:
Vinde cá, que na guerra destes laços
De amor, quanto vos firo, vos sugeito,
sem os sentido golpes, mudeis passos:
Vinde a mim, que á batalha vos aceito,
E ficarão por premio dos meus braços
Este habito de Christo no meo peito.

62.

E vos, pura Christifera Maria,
Que mais, que a Mãy do sol, Aurora pura,
A guardando apurada na Candura,
Filha brota alvas, e para o dia:
Bolsota de ambar, onde já valia,
A fragancia prestiste, o cheiro dura,

Metrico.

Vidraça, que o reflexo illesa apura;
Rosa, que em folha a suavidade cria:
Mil parabens, Senhora, pois nativa
Sois a perola, q a Seda-rio foi Perla,
Carro de Elias, fonte de agoa viva;
Do paõ celeste sois a humana barca,
No fogo a Sarça, na tromenta oliva,
Da Paz a pomba, do diluvio a Arca.

63.

Lá onde em toscas pastoris Cabanas,
Vivem pobres Sayas, curvos Cajados,
Leva a nova Gabriel; e de pasmados
Se assustaõ os pastores, e as Serranas:
Alegres cortaõ ramos, colhem Canas,
E de alecrins, e Nardos enfeitados,
Lavaõ na fonte os rostos defumados,
Tocaõ no adufe as sotfas aldianas:
Hum leva o Valentaõ, outro o Cordeiro
Esta leva a manteiga, aquella a nata,
Retine o tamboril, soa o pandeiro;
Levaõ o mel, a cera, a fruta intacta,
A seca lenha, o favo jardineiro,
E tudo esmalta amor, prenda mais grata.

64.

Chegaõ á Lapa os rusticos pastores,
Bailando com agrestes sapatetas,

Hecatombe.

Achaõ os Anjos a jogar planetas,
disparando as lantias de esplendores:
Estes correndo canas de fulgores,
Aquelles com dados, e castanhetas,
Atavando as maõs celestes, e as maõs pretas,
illustraõ Grosllarias, e primores.
Os Anjos rendem cultos soberanos
Os pastores tributaõ dons agrestes
mas huns, e outros igualmente ufanos;
Estando aquelles invejosos destes,
Querem os Anjos parecer humanos,
porq os homens se elevaõ de celestes.

65.

Ao Oriente do Sol hum astro errante,
Guia a tres Reis deixando o Sol no oriente,
Trocando por hum Sol mais refulgente
o berco de outro Sol menos radiante:
Trazem incenso, myrrha, ouro brillante;
Chegaõ, prostraõ o affecto reverente,
Rem tres coroas dando o amor ardente,
Rendem tres Magestades a hum Infante:
Deverá a hum astro os Magos a infenitta
Gloria, ó venturosos os desvella
para a sorte feliz, q os habilitta:
Os sabios para a dita hum astro vela,
mas saviaõ logrando a melhor dita

Metrico.

BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA

Alguma vez os Sabios ter Estrella.

66.

Fazendo q oitto dias de chegado,
Vaj o mercador sacro abrir a tenda
Dos Rubins, q do Ceo por encomenda,
nao tendo preço, otrazem ja taxado:
Dando em hum Corte amostra do brocado,
O poem em preço amor para ter venda;
brocado de tres altos; porq entenda
O mundo, q tres compra hum so Comprado:
Vaj o Cordeiro, aque lhe ponha amarca
O mundo, e como escravo Sinalado,
Se ensaya para o bravo de algum dia;
Grande febre de amor, q tanto abarca,
Que o homem, estando conformo, está curado,
porq estando bẽ saõ, toma a sangria.

67.

Jezus se clama, o Nome prodigioso!
De todo auspicio, mais feliz porsagio,
porto das ondas, taboa do naufragio,
Dos Ceos alombre, dos mortaes repouso:
Da tormenta do mundo Iris formoso,
Da Gloria Escada, da eficaz sufragio,
Susto do Averno, triaga do Contagio,
Opio das penas, dos trabalhos Gozo:
Nome, em q o mundo nas tormentas Cego,

Hecatombe.

Baxel errante na borrasca absorto,
buscando a tempestade, acha o sucego;
Onde engolfado o homem no mar morto
dos vicios, quando loco corre ao pêgo,
amarrado nessa ancora acha o porto.

68.

Brute do Coração lhe toca a enveja,
Ou o temor a Herodes que o Estado
dos Seus lhe usurpe o principado,
Quer que todo o menino morto seja:
Apenas concebeo a atrôs sobeja
maldade, baxa hum Anjo, dá o recado
a Joseph, que dormindo descuidado
Em Nazareth guardava a humana Igreja:
Joseph, desperta, que o perigo ignoras,
Ordena o mesmo Deos, que humano Crias,
Que a Egipto o leves com sua May, que adoras;
Vaste, não tardes, foge as tiranias,
Que as venturas são polvoras as horas,
E as desgraças são demoras os dias.

69.

Joseph se veste, deixa a humilde cama,
da outra se erguem os dois dos Ceos ornato,
Enfeixa a ferramenta, entrouxa o fato,
O temor o suspende, o medo o inflama:
Divina parra de Jessé na cama

Metrico.

Jezus se enlaça á Mãy do caro retrato,
Deixando o Rey cruel, o Reino ingrato,
Cortaõ a Arabia, q̃ os areaes derrama:
Huã feliz bestinha he o Regio throno
a Jezus, Maria; porque o erro
q̃ de hum homem falso fugio hum bruto amigo;
Ah mortaes! (diz Jozeph) que de abono
he o racional, se a Deos no seo desterro
he o homem flagelo, hum bruto abrigo!

10.

Quarenta annos, Senhor, a Hebrea Gente
passou neste deserto, em tal ventura,
Que huma Columna a guiava em noite escura,
huma nuve lhe cobria o Sol ardente:
Entonces huma vara omnipotente
lhe dava nos penedos agoa pura,
E do suave Manná dos Ceos fartura,
lhe chovia abundancia differente:
Agora á calma, á sede, á fome, ao frio,
Vaj caminhando Deos, sendo lhe a vara,
a mesma terra, q̃ aos mortaes servio;
Sendo a Deos falta, e aos mortaes ampara,
na noite a luz, no Sol o ar sombrio,
nas fomes o Manná, na sede a vara.

11.

Retorçidos por dar caminho á arca:

Hecatombe.

O Jordão a corrente, e a agoa o Nilo,
Com lagrimas de undoso Crocodilo
a arca do Manná soberbo abarca:
O Sol na Zona media ardente marca
Arde no touro ignifero Perillo,
falta a deos todo o amparo, todo o asylo,
Só tema Golfos a Celeste barca:
Entrão no Egypto, e as vans idolatrias
dos Idolos calirão, so huma Ara
Subsiste pella voz de Jeremias,
Que huma virgem parir vatticinára,
a que os Egypcios crendo as profecias,
huma Ara erguerão, q̃ immortal ficára.

52.

Morto Herodes cruel, fero, e tirano,
Que na vida de tantos innocentes
fazendo estrago, foi horror das gentes,
apostando ferezas deshumano:
Manda o Ceo a Joseph, q̃ alegre, e ufano
Com Jezu, e Maria obedientes,
Se voltem a Nazareth, e reverentes
Executem o preceito Soberano:
Caminhão todos tres restituidos
á patria, e da patria ao Sacro templo,
Deste fatal desterro, os perseguidos:
Tomai em todos penas claro exemplo

Métrico.

Sede humanos rigores opprimidos,
de Deos favorecidos vos contemplo.

13.

Voltão do templo para o patrio ninho,
levantado o desterro de sete annos,
foge Deos do caminho, atenta, humanos,
que o caminho de Deos tem descaminho.
Roubos de amor, ausencias do carinho,
Golpes da solidão da magoa danos
Chorão os dois, que amantes Pelicanos
São ays da solidão, arrulhos do [illegible]
Pesquizão os escondidos, e os seyos
Das brenhas; examinão as [illegible]
Só consegue, que a magoa as penas [illegible]
A mortaes, diz Joseph, nestes enleyos
Quis mostrar Deos como homem, que em retiros
E de Deos, Deos vay com elle, elle a Deos perde.

14.

Onde vieis, diz Maria, onde saudades,
aclareis aventura, que perdestes?
Como, Senhor, se por meo bem viestes,
por meo mal he possivel que vos vades?
Onde estais meo Senhor? Como as crueldades
Desta ausencia infeliz, Senhor, me destes?
Como em mim os rigores dispendestes,
Se com os mortaes usastes as piedades.

BIBLIOTECA NACIONAL ★ LISBOA ★

Hecatombe.

O Ceo, q̃ por defeitos, q̃ em mim vistes,
De mim fugindo para o Ceo tornastes,
Naõ pecaõ, naõ, por mim os homens tristes;
Porem ja que de mim vos apartastes,
Tanto respeito os bens, q̃ me influistes,
Como as penas, Senhor, q̃ me deixastes.

15.

Oh vos outros, buscaime o meo perdido,
Cujos sinaes saõ estes; que increado,
Sendo nascido, foi sem ser gerado,
Morrendo homem nasceo, sem ser nascido:
Em gala de encarnado o amor despido
Morrendo fez Deos gala do encarnado,
Por lagrimas de amor foi Deos vendado,
Para ser por amores Deos vendido;
Buscaime ao meo Deos, quanto poderes
Que se o perderes, chorareis pesares,
Se o descobrires, lograreis prazeres;
Buscai todos, buscai, que se o alcançares,
Pois tendes nelle a perda, se o perderes,
Vos achareis nelle o achado, se o achares.

16.

Achaõ a Deos no templo entre os doutores
Em disputa de altissimos mysterios,
Naõ como os de homens falsos magisterios,
Sinoens, Vitruvios, Camaliceons de cores:

Metrico.

Cujos dilemas da verdade Errores
naõ dos Licurgos timbres dos Tiberios,
dormindo Circes, da ambiçaõ Cautterios,
afrontaõ textos, por beber sucres.
Sendo enganos quadrupedes de Troyas,
Republicas dos Romanos saõ estragos,
Hidras reproducidas em Catterbas;
Circes, q da verdade enlantaõ joyas,
Ou saõ Sinoens, q abrazaõ os Cartagos,
Ou Paladioens, q eclipsaõ os minervas.

II.

Prodigios saõ da vida incomprehensiveis,
Deveres as accoens inexplicaveis,
pasmo, que no silencio de admiraveis
Os ambitos transcendem dos possiveis:
Pasmaõ as attençoens de inaccessiveis
Em pelagos de gloria inescrutaveis,
Era essencia os progressos sendo amaveis,
So na enveja os prodigios saõ terriveis:
Treme Luybel, o Averno se estremeçe,
Brama Pilatos, e a Judaica Curia,
Escuma Herodes, o odio se cortaja;
Cresce o merecimento, a inveja cresce
Que as prendas saõ estimulo da injuria,
E os meritos saõ prologos da enveja.

III.

Hecatombe.

Contra em Conselho a Hebrea tirania,
julga ao autor da vida reo da morte,
Judas se offerece à barbara Coorte
a vender na innocencia a aleivosia:
No Cenaculo Christo desafia
Com carinhos os odios de tal sorte,
Que por mais q̃ a fineza a culpa exhorte,
Mais contra o amor a ingratidad porfia;
e Dobra os joelhos, prostrase ao culpado
Judas, lavalhe os pés, oh maravilha
do amor! mas oh do odio correndo brado!
Endurecese Judas, e Deos se humilha,
Aos seus pés Christo amante, elle obstinado
foi o odio trofeo, o amor codilho.

39.

Vem cá Judas ingrato, falso amigo,
aqui tens á teus pés a Divindade,
Tocou Lusbel, ó Judas, a vaidade,
pois que me abato a ti, estô contigo:
e Do teo perigo, não do meo perigo
magôo, ingrato, tem de ti piedade,
Se de abandonarme intentas á maldade,
Como Servo estou ja, mas não te obrigo:
Vê, q̃ intentou Lusbel, de Deos q̃ o fillo
Oadorasse, e odiva q̃ Deos o adora,
Se a teus pés, falso Judas, luzes brillo;

BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA

Metrico.

Triumfou Lusbel, de mim porque ja agora
Se a ti me abato; a Lucifer me humilho
Pois em teo Coração Lucifer mora.

80.

De meo amor requintes olha, ingrato,
Que logrando Lusbel amor destreza,
Pede-se favor no tomar, e por fineza
do tomam à Lusbel hoje me abato:
Por si não me venceo o seo vil trato,
Mas por ti de vencerme ja se preza,
Desdenhas de Lusbel huma altiveza
Mas no tomar venceome o seo retrato:
Lua és, ve nesta agoa teo enleyo,
O que eclipsado estás, ingrato Judas
tendo ambição, que te torna de permeyo;
Que influencias malevolas, e agudas.
Eu contigo sou Sol, pois te alumeyo,
Tu és Lua comigo, pois te mudas.

81.

Sendo Campo o Cenaculo glorioso,
Em que amor do poder, e da humildade,
Por excessos mayores foy alarde
Rebuçando no humilde o magestoso:
Retirase Jesus ao vale Umbroso,
De Cedron, onde a sacra humanidade
Sondevendo da culpa a immensidade

Hecatombe.

...LIOTECA NACIONAL...

Eva satisfaz o trago horrorozo:
Corre em gotas de sangue o suor frio,
Na agonia da morte imaginada,
Pede, se mude o Calix, falta o brio:
Se temes, na terceira â Deos atado,
Como naõ temes, solta ao desvario,
Se és vento, és ar, és terra, és pó, ás nada.

§ 2.

Chega a barbara turba, e o detestavel
Discipulo perjuro com plausivel
Hypocrita primor no afago horrivel
Fez rebuço o Caiter do abominavel:
Com cruel carinho, com rigor afavel
beijou na face a gloria inaccessivel
E na turba infeliz passou o incrivel
rigor, a ser padraõ do lamentavel:
Com cordas ata o barbaro violento
furor, aquella Citara devina,
q' he da armonia dalma o instrumento;
E mais suave o som da pena indigna,
Cada golpe respiralhe hum encanto;
pois quanto a fere a penna, o amor a afina.

§ 3.

Prezentaõ â Pilatos o inocente
Cordeiro, q' he pastor do fiel rebanho,
E qual lobo voraz o povo estranho

Metrico.

a sangue frio lhe bebe o sangue ardente:
Clamaõ q̃ morra, e que com seo sangue alimente
tamanha sede com caudal tamanho,
Onde Deos para a febre toma hum banho,
hum trago para a morte bebe a gente:
Absolvem Barrabás, condemnaõ Christo,
a huma Cruz entre dois ladroens astutos,
Cruel sentença de hum odio temerario;
A que injuria, mortaes! Sereis, q̃ isto?
Nascestes no presepio entre dois brutos,
morreis entre dois homens no Calvario?

§ II.

Sacrilega huma maõ com culpa intensa
fere de Christo a face sacrosanta,
o homem para Deos a maõ levanta;
Se a maõ de Deos ao homem o ser dispensa:
Foi immensa a fineza, a culpa immensa
foi, porq̃ como a divida era tanta,
Só na culpa infinita o homem, quanta
foi a fineza, igualar pode a offensa:
Era incapaz a humana natureza
de tal compensa igual por vil penuria,
de igual fineza por mortal fraqueza;
Desempenhou aquella acerba furia,
pois igualou o immenso da fineza
com o immenso sacrilego da injuria.

Hecatombe.

35.

Atada á huma Columna á Devindade,
Açoutes leva de huma mão profana,
Onde a devina illustra a essencia humana,
Só na humana se acha a humanidade:
Sendo ao dano a Columna immunidade,
Desta revolta o estrago, a ruina mana,
Que he a perfidia dos homens tão tirana,
que dourão num arrimo huma Crueldade:
No arrimo da Coluna ao desamparo!
Quem encontrou no apoyo o desabrigo!
Quem vio triste noute a luz de dellos!
Ó Colunas Crueis, q̃ em falso amparo
bebendo o sangue a titulo de abrigo,
arrimos pareceis, e sois flagellos.

36.

Rey de escarneo com purpura afrontosa,
Cruel Coroa, cetro escarnecido,
Mostrão á Deos, q̃ entonces mais ferido,
mais chagado he da insignia magestosa;
E duas purpuras sente, a mais pomposa
Não he, não, a do sangue, q̃ ha vertido,
he a da magestade, pois vestido
de Rey, ferida tem mais rigorosa;
Se de Rey as insignias são Crueldades,
terião em Christo da vaidade os prezos

Metrico.

BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA

26

Solios, q̃ cobrem golpes com alinhos,
Tremaõ Cetros, advirtaõ Magestades,
que as purpuras em Christo saõ desprezos,
para deos as Coroas saõ espinhos.

§ I.

Ao som de h̃ua trombeta, q̃ algum dia
desta loucura entaõ fará juizo,
Ledo rouco metal tremulo avizo
da barbara violencia, que o seguia:
Num Zefiro, gostando atterbequia
O cabo, e cada pedra ao golpe lizo
das ferraduras, le de afluegs hum granizo,
que rayos sentilava, almas ardia:
Coleras de Cristal, raibos de escuma,
Respira o bruto, aprolongando os loros,
suspende o passo a fim destas procellas;
E nos golpes da espora em magoa summa,
mostra, q̃ athe na purpura as esporas
saõ Lagrimas de sangue nas estrellas.

§ 2.

Sobem ao monte, plantaõ a frondosa
Arvore, a cuja sombra adesse escuro
Limbo, passando a nevoa ao esplendor puro,
fará da escura noute luz formosa:
E Arvore amena da Outra rigorosa,
que o pomo verde fruto fes maduro,

Hecatombe.

Porque em fruto suave o pomo duro
Fosse huma arvore de outra tenra gloriosa:
Chegue-se Adaõ á sombra sacrosanta
Desta arvore, e trocando em gala o lutto,
Verá, q̃ huma o levantára, outra o quebranta;
Chegue-se á taõ boa sombra Adaõ astuto,
E note, quanto vai de planta á planta,
Q̃ deve a morte ao pomo, a vida ao fruto.

89.

Soçobrado baixel na crespa guerra
Do mar vermelho foi feliz dellenho,
A Cruz, onde em naufragio sobre hum lenho
O piloto immortal nũ veyo á terra.
No engolfado madeiro nũ se afferra,
E sendo a salvaçaõ o seo empenho,
Nelle foi do pilloto tal o engenho,
Q̃ poz em salvo a Adaõ, q̃ em mares erra;
Roto o lenho na indomitta procella,
Vendo nelle o piloto a vida exposta,
Se aferra ao lenho na tormenta larga;
No pano do Sudario solta a vella
E naufrago com o lenho veyo á Costa,
Pois dos culpos de Adaõ sepoz á carga.

90.

Caxa de Cedro, Cofre do mais franco
thesauro, da serpente forte espada,

Methrico.

Do Cormeiro para o Cão mais firme escado,
os dos Cambios do amor o melhor banco:
Carço, onde em Chamas o cordeiro branco
morre, do fiel Isac Cerda sagrado,
Chave, q abrio aporta ja fechada,
Cajado, q he o arrimo de Adão manco:
He a sagrada Cruz planta, em q aberto
a Romã doce no purpureo estrago
do peito dá Coroa, os leys a certo;
Diguem, q mostra Sangue, abrindo o afago,
Desta Romã liçoens, alerta, alerta,
Tome a Coroa a purpura, e o bago.

91.

Dois mares hum de aljofar, outro de ouro,
Soltando a Magdalena, espalha, e chora,
Hum de perlas saudades, Liume da Aurora,
Outro de Ofir prizão, do Sol desdouro:
Quebrando a immunidade o rayo ão louro,
Com louros rayos melhor Sol namora,
E quando perlas verte, ondas arbora,
Faz o aljofar erario, o Ofir thesouro;
Os olhos, e os cabellos aos pezares
tremulando trofeos, vertendo ensayos,
São da dor sentinellas, da ancia rondas;
E dobrando atormenta em dois mares,
Empelagos de neve afoga os rayos,

Hecatombe.

Em naufragios de fogo bebe as Ondas.

92.

Com letras de ouro hum escrito de assucena
Em papel de jasmins amor escreve,
Negros de magoa, e na dourada Neve,
A pranto foi a tinta, a dor a penna:
Lacre he o Coraçaõ da Madalena
Com lagrimas de fogo, a cera teve
No mar dos olhos, q apagar se atreve
dourados rasgos no papel de hum Etna:
Serra o billete da saudade o sello,
Cos lagrimas com elle em vago giro
Correndo os ventos seguem o seu Norte;
Chega a Jezus a carta, q hum disvello
Soletra, e pello posta de hum suspiro
Foi o pranto o Correyo, o sangue o porte.

93.

Ao pé da Cruz raiz da arvore amena
Maria lacrimante languida,
No verter do lamento esgota a vida,
Mas no rigor do planto anima a pena:
Chora a dor, mas chorando a magoa ordena,
Na agoa do pranto alega, e mais florida
A arvore na raiz fortalecida
Vegeta o fruto, q o furor condena;
Christo he o fruto, a Cruz planta, a raiz Maria,

Metrico.

E quanto a planta em Choro alenta a magoa,
Tanto exalta a Raiz o fruto a sangue;
Pois nos Cambios da pena em mor valia,
Sentindo a dor o golpe, verte a agoa,
Manda amor o objecto bebe o sangue

BIBLIOTECA N

94.

Se no peito de Christo Joaõ descança,
ao seo Lado Joaõ com dor inquieto,
quanto a dor e no Cenaculo o amor seta,
Tanto vio no Calvario o odio lança;
Lá dormio Joaõ, aqui se lança,
Ao Lado, em que a fineza mais discreta
nos afagos pasou de amor a meta,
para os golpes sentir do odio a vingança;
Foi o Lado de Christo sujto, e leito
A Joaõ, em q dormido, e desvelado
do altar do amor fez idolo ão respeito;
E o mesmo erario em Christo franqueado
Coberto foi huma aguia do seo peito,
Aberto foi hum Argos ao seo Lado.

95.

Melancolico o prado, huma baeta
He cada lirio, hum ay, hum sentimento
O jacinto, hum armonico lamento,
Cada Cisne, hum Copus cada violeta:
Murmura a fonte tremula trombeta,

Hecatombe.

Sente a Rosa o espectaculo Cruento,
Cahio o giracol de hum macilento
Vagado, chora Espinhos a musqueta:
Enfiada em desmayos a assucena
Em lenços de Cambraes o pranto e sangue
Esuga, e Com mais de ouro a dor en Calma;
He todo o prado huma lamina de pena,
Somente apenas a poder de sangue
Leva a Rosa a Coroa, o Cravo a palma.

96.

Espira Christo, e o mundo esmurecido,
Cadaver o Universo amortalhado,
Nos horrores da sombra agonizado,
Foi nas Cinzas do Sol Fenis nascido:
Espedaçao-se as pedras, dividido
Em pedaços do templo o véo sagrado;
He o fogo hum Clamor, he o mar hum brado,
He a terra hum Caos, o ar hum Gemido;
Treme a terra, e com Rapidos veloces
Rayos graniza o Céo Coleras loucas,
De pena, q da magoa ainda são mingoas;
Os ares em Suspiros bradão vozes,
Os montes em Roturas abrem bocas,
O fogo em labaredas Rompe em Lingoas.

97.

Contra o lado de Christo o ferro impio

Metrico.

Vibra o Homem com barbara vingança,
que deslumbrado a ponta de huma lança
quis vingar o seo odio a sangue frio:
Sahio hum mar de sangue, de agoa hum rio,
primeiro o sangue do vital fiança,
porque ao mortal no susto da tardança
não causasse o impossivel o desvio.
Notado sente Christo as crueldades,
Sem que de Rey o titulo, ao respeito
preserve dos sacrilegos ousados;
Al fatal documento às Magestades,
pois abrigão perigos ao seo peito,
para afiarem lanças nos seos lados?

BIBLIOTECA NACIONAL * LISBOA *

98.

Segundo Caos, huma equivoca mistura,
do ser, e nada o mundo no indeciso,
E confuso embrião, monstro indiviso,
Era composto vão sem compostura:
Noute era o Sol, a terra sepultura,
turva a agoa em soluços troca o riso,
o ar vendo o fogo das lingoas perde o aviso,
Cego o ar veste o horror da sombra escura;
Sem luzes, lingoas, plantos, ecchos mortos,
O ar, a agoa, o fogo, a terra em magoa
São da aflicção padrões, da pena abortos;
Sendo o fogo em silencios muda fragoa,

Hecatombe.

A terra, oás luzes ambitos absortos,
Cega agora sem olhos, olhos de agoa.

99.

Só o homem na pena acha aventura,
E sendo gala o luto da saudade,
Das cinzas renasceo da divindade,
Tendo o berço, onde Christo a sepultura:
Morre Christo da morte na amargura,
Nasce ao homem da vida a suavidade,
porque entenda a vital mortalidade,
que das cinzas divinas fenis dura:
Da mór desgraça teve a mayor sorte
O mundo, pois por meyos de hum perverso
odio, logrou amor gloria mais forte;
Oh feliz sentimento do universo,
pois tendo a vida o homem, Christo a morte,
foi a urna de deos do homem berço!

100.

Cesse (oh musa) o concento, quebra a lira,
Que descredito fora ao sentimento,
desairando a armonia do lamento,
Que cante o plectro, quando a dor suspira:
Se os teos eccos, ó Musa, Apollo inspira,
morreo o melhor Sol, quebra o instrumento;
seja a metrica voz tragico a canto,
pois he o eterno Sol funesta pira

Se acordes parecerão sendo agrestes
teus accos, os Orfeus temão o Averno,
não pulse a lira, quando geme o pranto;
E trocados os Louros em Ciprestes,
Cinzas da Primavera chore o Inverno,
Onde começo o choro, acabe o Canto.

Finis coronat opus. Laus deo
virgenique eius in æternum sit
data

BIBLIOTECA NACIONAL · LISBOA ·